



Intervenção inicial do vereador José Manuel Silva, na Reunião de Câmara de 18 de junho de 2018

No passado dia 14 de Junho, o movimento Somos Coimbra promoveu um importante debate sobre a localização da futura maternidade de Coimbra, aberto a todos, pois não receamos os debates plurais nem o confronto de ideias. Verificámos que muitos dos que discutem acaloradamente esta matéria não quiseram estar presentes, mas continuam a expressar assertivas, embora infundadas, opiniões.

Da intervenção do Dr. Carlos Cortes, presidente da SRCOM, a quem agradecemos a cedência da sala, salientamos, no seu papel de anfitrião, ter referido que actualmente as maternidades não oferecem todas as condições de segurança às grávidas, que é grave o que acontece actualmente em Coimbra e que têm sucedido situações dramáticas.

Porque conhecemos o que se passa, o movimento Somos Coimbra pode confirmar o que acima foi dito. Sem entrar em mais pormenores, referimos apenas uma recente situação de uma grávida que entrou num quadro gravíssimo de eclampsia e que tudo foi um enormíssimo sufoco, tendo sido o INEM a fazer o transporte intrahospitalar, em condições deficientes e circunstâncias tremendamente difíceis. Só mesmo a qualidade, esforço e dedicação de todos os profissionais tem evitado males piores, com enormes riscos para as grávidas e os bebés e também para os profissionais.

As pessoas pensam que uma maternidade é um local onde se vai ter bebés tranquilamente, mas esquecem-se que 20% dos partos se complicam inesperadamente, por vezes de forma dramática, e que, também como resultado da evolução da medicina, cada vez há mais gravidezes de risco em situação clínicas complexas, que exigem recursos cada vez mais caros e sofisticados e apoios polivalentes, que não são duplicáveis pelas margens de um rio.

Por isso mesmo, a construção da nova maternidade é uma verdadeira emergência médica materno-fetal, para além de voltar a colocar Coimbra na senda da qualidade e do progresso tecnológico. Não são toleráveis mais atrasos e o processo deve avançar meteoricamente.

A intervenção do Prof. Fernando Regateiro começou por desmistificar o que está verdadeiramente em causa. Não é a construção de uma maternidade, onde actualmente se fazem menos de 5000 partos/ano, mas sim a integração de um serviço de obstetrícia e neonatologia no corpo principal dos HUC, reorganizando os serviços e os espaços, para prestar o melhor apoio às parturientes. Hoje já nem sequer faz sentido falar em Centros Materno-Infantis; o que se construiu no Porto baseia-se em

conceitos já desactualizados. A grávida tem de ser tratada num Hospital de adultos e de agudos, por isso o Hospital Pediátrico também não é solução, para além de nem sequer ter espaço suficiente.

Uma grávida, além de grávida, pode ser doente e muitas vezes é uma doente grave, para a qual são necessários todos os recursos de um hospital central com uma urgência polivalente, ou seja, com tudo. Sempre que há uma situação grave numa das maternidades, é um 'corre-corre' para transportar as grávidas para o bloco central dos HUC. Cada minuto conta. Por isso mesmo, o debate deve ser puramente técnico e médico e baseado na segurança e saúde da grávida.

Não é possível ter um hospital de apoio perinatal diferenciado nos Covões pois faltam-lhe muitas valências necessárias para essa missão.

Interveio de seguida o Dr. Sousa Jordão, referindo que a MBB foi uma entidade inovadora mas reconhecendo que unir as duas maternidades é urgente, nomeadamente pela degradação das suas antigas instalações. Lamentou que o Pediátrico não tivesse sido localizado nos Covões e sustentou que os Covões foram sempre uma pedra no sapato, sem referir exactamente de quem. Verbalizou o receio que estivesse em curso a aniquilação dos Covões, que a localização da maternidade nos Covões é uma nuvem negra para quem quer liquidar os Covões e que os relatórios valem o que valem e seguem os interesses de quem os encomenda. Finalmente fez um apelo contra a degradação da Saúde em Coimbra, algo que, naturalmente, a todos nos une.

De seguida falou o Prof. Sousa Barros, obstetra e Director da Unidade Materno-Fetal do CHUC. Começou por dizer que falar em maternidade é um conceito do século XIX, que só restam três maternidades em Portugal, duas estão em Coimbra, a outra em Lisboa, e que vão fechar as três. O que está em causa é um serviço de obstetrícia e neonatologia e que só por causa de toda a estrutura dos HUC é que somos um Hospital de apoio perinatal diferenciado. Os Hospitais Distritais apenas permitem apoio perinatal (não diferenciado). Se Coimbra quer continuar a assistir as grávidas de risco e a receber os casos mais complexos de toda a Região Centro, tem de ter o serviço de obstetrícia e ginecologia no corpo dos HUC. Porto e Lisboa ficariam muito contentes se Coimbra perdesse este estatuto.

Finalmente, referiu ainda que a especialidade de ginecologia e obstetrícia não pode ser dividida, que as emergências obstétricas existem, que não há problemas com as infecções porque as cesarianas não são feitas no bloco central dos HUC, mas sim num bloco cirúrgico que apenas servirá as grávidas, e que não podemos desvalorizar os relatórios, que foram feitos com critério, apenas porque concluem de forma distinta do que alguns pretendiam. Nesse sentido citou o livro "A morte da competência", para afirmar que, a bem das grávidas e das crianças, os critérios de localização devem ser técnicos e não políticos.

A última intervenção foi feita pela Eng^a Ana Bastos, como universitária e não como vereadora, abordando as questões técnicas da resolução dos problemas de trânsito, mobilidade, acessibilidade e estacionamento dos HUC, que serão objecto de um texto específico que a mesma vai apresentar complementarmente.

Já no período de debate, o Prof. Fernando Regateiro teve a oportunidade de falar do futuro do Hospital dos Covões, sublinhando que a sua missão é desenvolver-se em complementaridade e de forma coerente, tornando-o indispensável, em benefício da prestação de cuidados de Saúde em Coimbra, e não em concorrência com os HUC.

O Hospital dos Covões tem presentemente 206 camas a funcionar, estando todas cheias. Vai receber ainda mais consultas externas, como Reumatologia, mais cirurgia de ambulatório, a audiologia, a neurofisiologia e epilepsia ambulatória e concentrar toda a patologia e estudo do sono (recursos que saem dos HUC para os Covões). Vão ser feitas obras para receber uma enfermaria de geriatria, única no país, bem como todos os respectivos serviços de apoio. Irá continuar a desenvolver outras valências.

A explanação deste plano para o desenvolvimento dos Covões deixou o Dr. Sousa Jordão mais tranquilo quanto ao futuro, afirmando que se manteria atento.

Finalmente, com alguma ironia, o Prof. Fernando Regateiro disse que foi atribuída uma nova missão ao CHUC, ao contrário do que acontece com os outros hospitais: tratar doentes e resolver problemas de estacionamento... Mas que estava tudo bem, como as entidades que têm essa responsabilidade e missão não o fazem, o CHUC iria resolver o problema dos estacionamento nos HUC.

Interveio também o Prof. Paulo Moura, afirmando peremptoriamente que para os técnicos isto não é um debate, pois só há uma solução: o único sítio onde há polivalência é nos HUC.

Disse ainda que é um espanto que a localização da maternidade seja discutida por todos mas que os profissionais que trabalham com as mulheres sejam praticamente ignorados, rematando que não se pronuncie sobre obstetrícia quem não é obstetra!

Recordou ainda que não somos a maternidade de Coimbra! Somos o serviço de obstetrícia e neonatologia da Região Centro! Se a solução não for os HUC, os casos mais complicados da Região Centro e de Coimbra terão de começar a ir a Lisboa ou ao Porto, desvalorizando a medicina e a saúde em Coimbra.

Salientamos ainda a intervenção emotiva do Dr. Daniel Pereira da Silva, que recordou o seu passado de ligação ao Centro Hospitalar de Coimbra, mas que, como médico da especialidade e membro do colégio da Ordem dos Médicos, não pode admitir outra solução que não sejam os HUC e que as exigências da obstetrícia moderna não permitem outra localização.

Se se deixasse conduzir por bairrismos, demagogia ou populismos, o movimento Somos Coimbra adoptaria a confortável situação de defender a localização de uma maternidade no perímetro do Hospital dos Covões.

Porém, como acima ficou explanado, a defesa da saúde da mulher grávida, dos fetos e das crianças, a defesa de Coimbra como um polo tecnológico altamente diferenciado e de referência no campo da Saúde e a consideração pela opinião técnica dos especialistas da área e dos Colégios da Ordem dos Médicos não permitem que esta matéria seja tratada contra os critérios técnicos, da evidência científica e das boas práticas médicas.